

UM OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Miraíre Pereira Silva; Maria Lourena de Queiroz; Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: miraire@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: lourenaqueiroz4@gmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, E-mail: kekesoares@yahoo.com.br.

RESUMO: O presente artigo trata da importância do brincar no contexto da Educação Infantil, por meio da utilização de jogos e brincadeiras, enfatizando o lúdico como ferramenta importante no processo ensino aprendizagem. Para tal desiderato, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em torno de diversos autores que trazem discussões teóricas relevantes sobre o tema e uma de campo, utilizando como instrumento para coleta dos dados o uso do questionário aplicado a duas professoras: a primeira faz parte da rede municipal de ensino do Encanto/ RN e a segunda da rede privada de ensino em Pau dos Ferros/RN, a fim de analisar se estas utilizam recursos lúdicos nas suas práticas. Partindo dessa premissa, pudemos compreender que os jogos e as brincadeiras não são apenas meios de distração para a criança, mas também servem de apoio a aquisição de novas aprendizagens, aprendizagens estas que acontecem de forma prazerosa e interativa quando bem utilizada pelo professor.

Palavras-Chave: Brincar, Educação Infantil, Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O brincar está presente em diferentes tempos e lugares e de acordo com o contexto histórico e social que a criança está inserida, a brincadeira é recriada com seu poder de imaginação e criação e, portanto, se constitui como algo natural na vida das crianças, pois faz parte do seu cotidiano e se define como espontâneo, prazeroso e sem comprometimento.

Assim, percebemos que é importante considerarmos no processo de ensino aprendizagem os jogos e brincadeiras, não só como um espaço para o entretenimento, mas, também, considerarmos como um espaço rico e profícuo para uma aprendizagem verdadeira, pois a alfabetização é tão fundamental quanto o lúdico. Dessa forma, a brincadeira e o jogo não devem ser mais atividades utilizadas pelo professor apenas para recreação com as crianças, mas como atividade em si mesma, que faça parte do plano de aula da escola, de tal modo que ambos não

precisam e nem devem estar separados, pelo contrário, quanto mais próximos e mais ligados estiverem, mais significativa será a aprendizagem para a criança.

Sendo assim, ainda contamos muita das vezes, com duas formas distintas em relação ao ensino: o primeiro dá ênfase apenas na alfabetização e nos números, onde há espaço somente para o uso de materiais relacionados a esse tema utilizando de atividades repetitivas e mecanizadas, completamente distantes do meio social ao qual a criança convive e a segunda forma de ensino, em que há espaço para o desenvolvimento da brincadeira, que valoriza a recriação de experiências e socialização, dando-se prioridade ao respeito mútuo no desenvolvimento dos alunos, de tal modo que esta integra e faz parte do cotidiano da escola e da prática do professor.

Tomando por base essas premissas e considerando que é necessário que haja maior explanação e diálogo a respeito desse tema que é muito utilizado nos discursos e pouco visto na teoria e na prática, esse trabalho traz um estudo bibliográfico com base nos pressupostos de Vygotsky (1984), Friedmann (1996), Kishimoto (1993), Carneiro e Dodge (2007), Wojskop (2005), Toledo (2008), autores que trazem discussões relevantes sobre a importância da utilização dos jogos e brincadeiras na dinâmica ensino-aprendizagem na educação infantil. Na pesquisa empírica, fizemos a aplicação de um questionário, com duas professoras, uma de uma creche da rede municipal do Encanto/ RN e a outra da rede privada de ensino em Pau dos Ferros/RN, ambas graduadas em Pedagogia, a fim de investigar se estas valorizam e compreendem a verdadeira importância do brincar durante as suas práticas.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO, DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As brincadeiras e jogos são atividades significativas na vida dos homens em diferentes épocas e lugares. São atividades que, ao mesmo tempo, identifica e diversifica os seres humanos em diferentes tempos e espaços. De acordo com Vygotsky (1984), são atividades específicas da infância, na quais a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos. São também uma forma de ação que contribui para a construção da vida social e coletiva. Como patrimônio e prática cultural, as brincadeiras e os jogos criam laços de solidariedade e de comunhão entre os sujeitos que participam.

A palavra brincar, de origem latina, tem, dentre muitas definições, divertir-se livremente com regras flexíveis. As brincadeiras são atividades onde a criança tem de se relacionar e de se

apropriar do mundo. É brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendem o tempo todo com as experiências que pode ter. São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida, etc. Segundo Kishimoto (1993, p. 45):

Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Desde muito cedo as crianças se comunicam por gestos, sons e mais tarde a imaginação. Podemos dizer que brincar é uma atividade natural, espontânea e necessária para sua formação.

O brincar está associado à criança há séculos, contudo segundo Wojskop (2005), foi apenas com ruptura de pensamento romântico que a valorização da brincadeira ganhou espaço na educação das crianças pequenas, já que na antiguidade, esta era geralmente considerada como fuga ou recreação não lhe sendo conferido o caráter educativo e a imagem social da infância (era tratada e inserida no mundo adulto desde cedo), não permitia a aceitação de um comportamento infantil, espontâneo, que pudesse significar algum valor entre si. Segundo Ariès, (1981), a criança era vista como um adulto em miniatura nos séculos XIV, XV e XVI, e o tratamento dado a ela era igual ao dos adultos, pois logo se misturavam com os mais velhos, pois é somente no século XX, com o surgimento de um novo sentimento em relação à infância, havendo um crescimento significativo quanto ao conhecimento da criança, que está passa a ser reconhecida como sujeito histórico tendo suas particularidades respeitadas.

Entretanto, devido às mudanças na realidade econômica e com o grande crescimento tecnológico, a infância vem sofrendo uma perda no seu espaço e, assim, um processo de abandono das brincadeiras vem se tornando constante, pois estas estão sendo substituídas por outras atividades, uma vez que as crianças entendem por brincadeira os jogos eletrônicos, julgados como mais prazerosas: assistir televisão, jogos em computadores ou videogames como forma de preencher o tempo em que ficam em casa sozinhas, fazendo com que as mesmas não se movimentem e as deixando estáticas e com isso vão ficando sedentárias e obesas.

Segundo Carneiro e Dodge (2007), diante dessa situação sociedade moderna cada vez mais tem sofrido transformações em relação ao brincar principalmente no que diz respeito ao espaço que se tem para brincar e o pouco tempo que os pais e os filhos têm para ficarem juntos e brincar, a escola se torna um espaço que deve valorizar a brincadeira e assim ajudar na superação desse dilema, pois é extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social da criança. É brincando que a criança expressa vontades e desejos construídos ao longo de sua vida,

e quanto mais oportunidades a criança tiver de brincar mais fácil será o seu desenvolvimento. Ainda de acordo com Carneiro e Dodge (2007) “[...] o movimento é, sobretudo para criança pequena, uma forma de expressão e mostra a relação existente entre ação, pensamento e linguagem.”

Sendo assim, a escola acaba sendo, em alguns casos, a única fonte transmissora de cultura, e daí a importância de dispor de espaços para as crianças brincarem e se movimentarem livremente, bem como a presença de profissionais que ensinem e resgatem as brincadeiras populares, mas não só isso, como também o jogo deve fazer parte do cotidiano das crianças, sendo usado como uma nova forma de transmitir conhecimento, pois a atividade lúdica é benéfica ao aprendizado. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 23):

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Apesar das mudanças por meio de estudos, que comprovam as possibilidades de utilização dos jogos na escola e os aspectos positivos que trazem para o desenvolvimento e para o processo de ensino- aprendizagem, as brincadeiras e os jogos ainda estão muito distantes de serem integrados realmente como recurso e metodologia no currículo da escola e na prática do professor já que na maioria das vezes, estes se restringem a atividades extremamente dirigidas, que contribuem muito pouco para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da produção de cultura. Segundo Carneiro e Dodge (2007, p. 91):

Para que a prática da brincadeira se torne uma realidade na escola, é preciso mudar a visão dos estabelecimentos a respeito dessa ação e a maneira como entendem o currículo. Isso demanda uma transformação que necessita de um corpo docente capacitado e adequadamente instruído para refletir e alterar suas práticas. Envolve, para tanto, uma mudança de postura e disposição para muito trabalho.

Além disso, no que diz respeito ao brincar pelo brincar, atualmente, só é aberto o espaço para brincar na educação infantil, e nem sempre é aceito de uma forma natural tanto por parte dos pais quanto de alguns profissionais, fazendo da prática do brincar um vilão, pois para muitos é perda de tempo ou desinteresse pelo trabalho sério, pois acreditam que o brincar não contribui para o desenvolvimento da criança justamente pela falta de conhecimento e informação sobre o assunto.

Ou seja, muitos acabam separando o brincar do aprender e dizem que escola não lugar de brincadeira. Segundo Toledo (2008, p. 12):

Ao considerar as brincadeiras das crianças como algo que atrapalha a aprendizagem, a escola começa a separar os momentos que são para “aprender” dos que são para “brincar”. Porque esses momentos precisam ser separados? Porque as crianças precisam deixar de brincar para serem transformados no adulto? Porque o adulto não pode brincar?

As brincadeiras e jogos, nesse contexto, assumem um grande valor educacional no qual a criança concebe o grupo em função de uma ou mais tarefas que pode realizar, também abre espaço para contestações e conflitos que podem surgir onde existem duas equipes antagônicas, possibilitando o diálogo mediado pelo educador sobre grupos e individualidade, ganhos e perdas, dentre outras coisas. Desse modo, através das atividades lúdicas, os alunos desenvolvem seu sistema cognitivo; a socialização, a linguagem, o raciocínio lógico, a criatividade, a análise, a síntese, a capacidade de interpretação, etc.

Nesse sentido, Friedmann (1996) afirma que os jogos na pré-escola, com a mediação do educador, dão qualidade ao ensino e à aprendizagem, satisfazendo assim a necessidade e o desenvolvimento do aluno, bem como seus valores, possibilitando o estímulo e desenvolvimento de atividade física, motora, sensorial e afetiva. O uso de jogos, é, portanto, um método pedagógico que auxilia o desenvolvimento, entretanto, é importante identificar as necessidades individuais de cada aluno para que o professor possa planejar uma estratégia que supra essas carências. É fundamental identificar as dificuldades mais imediatas do aluno, e utilizar as atividades lúdicas justamente na busca de possibilidades de aprendizagem e compreensão não só do conteúdo, mas de valores também.

De acordo com Vygotsky (1984), o lúdico tem uma influência no desenvolvimento da criança, pois, a mesma adquire iniciativa, autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração. Ele ainda enfatiza que, ao brincar, a criança entra em contato com as regras, criando suas próprias normas e repetindo regras sociais do mundo adulto. O lúdico é um instrumento facilitador da aprendizagem, possibilita ao professor e aos alunos um espaço de interação e troca de conhecimento, bem como a socialização entre colegas, necessária para seu desenvolvimento.

Os jogos e brincadeiras estimulam, ainda, o desenvolvimento motor e psicológico. Muitas brincadeiras e jogos fazem com que as crianças se sintam desafiadas em fazer algo como saltar um

obstáculo, acertar um alvo, pegar um colega, entre outros, desenvolvendo, assim, sua motricidade. Ainda, quando a criança consegue atingir uma meta, isso faz com que ela se sinta realizada, elevando a sua autoestima, mas é fundamental trabalhar o espírito esportivo de saber lidar com vitórias e derrotas, trabalhando, assim, o convívio social. Quanto ao estímulo do convívio social, Friedman (1996, p. 41) afirma que:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

Desse modo, percebemos que as brincadeiras e os jogos, são atividades espontâneas, livres e desinibidas, sem barreiras e inibições, pois cada criança, através destes, cria seu próprio êxito, suas próprias regras, limites, baseado nas suas referências sociais, no seu cotidiano, na sua maneira de viver e se expressar.

NOS CAMINHOS DA PESQUISA: UM OLHAR DOS PROFESSORES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Discutir a respeito da utilização de jogos e brincadeiras na Educação Infantil, é algo fundamental, pois estes, nos dão uma ideia de como as crianças pensam, sentem, interpretam e organizam sua vida e o mundo a sua volta e isso é imprescindível para o educador realizar seu trabalho mais efetivamente no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, social dos alunos, desse modo, não se pode ignorar a importância da ludicidade como um instrumento de grande valor pedagógico.

Assim, os sujeitos da pesquisa foram convidados a responderem um questionário com algumas perguntas, cuja finalidade, é analisarmos se estas utilizam e reconhecem a importância da utilização de brincadeiras e jogos nas suas práticas: a primeira faz parte da rede municipal de ensino do Encanto, Estado do Rio Grande do Norte/RN, onde atua a 8 anos e atualmente leciona uma turma de Pré 2; a segunda integra a rede privada de Pau dos Ferros/RN, com menos de 2 anos de atuação numa turma de crianças 2 anos de idade, a qual chamaremos de professora A e B, respectivamente.

Considerando, que o brincar é um direito da criança apresentado/assegurado na Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, acrescenta no Capítulo

II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se, daí a importância de o professor integrar o lúdico, o jogar e o brincar no planejamento da sua prática docente. A respeito disso, as professoras relataram:

De acordo com os projetos que estão sendo aplicados no dia a dia, vou procurando jogos e brincadeiras que integram o tema para que as crianças possam aprender de forma dinâmica, pois, [...] o lúdico, os jogos e as brincadeiras, são essenciais para o desenvolvimento da criança na educação infantil (Professora A, 2016).

Sim, o lúdico é a base no meu planejamento, procuro trabalhar de forma prazerosa com minha turma, apresentando os conteúdos de forma diferenciada, com brincadeiras, músicas, e sempre abro espaço para que as crianças exponham suas descobertas livremente. Desta forma, amplio a minha prática através dos próprios posicionamentos dos alunos. (Professora B, 2016).

Muitos professores, dirigem os momentos lúdicos a fim de alcançarem determinados objetivos. Desse modo, não permitem às crianças explorarem e criarem sua própria maneira de brincar ao brincarem livremente e de forma prazerosa, já que acabam brincando, não pelo prazer e a alegria que o ato lúdico lhes dá, mas para alcançar e cumprir os objetivos e as regras estabelecidas pelo professor, que contribuem muito pouco para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da produção de cultura. Segundo Wasjkop (2005), as instituições de ensino de educação infantil trabalham com os recursos didáticos, utilizando brinquedo apenas como atividade lúdica, sem pensar no pedagógico. Nos relatos dos professores, ao perguntarmos a respeito das brincadeiras e jogos mais frequentes realizadas pelas crianças na escola e posteriormente como são organizadas, é perceptível que elas inter-relacionam as duas perspectivas:

As brincadeiras são realizadas das duas maneiras, dirigidas por mim e também por brincadeiras livres, escolhida pelas próprias crianças, como cantigas de rodas, brinquedos no geral, alguns jogos, brincadeiras dirigidas como amarelinha, pula corda, danças no geral, pequenas dramatizações. Um momento oportuno de observar mais as crianças, ver o que eles conversam uns com os outros e com um momento de aprendizagem. ” (Professora A, 2016).

“Durante a semana são selecionadas brincadeiras a serem desenvolvidas com as crianças e desta forma direciono algumas e deixo outras livres também, mas utilizando os recursos que a escola oferece; e dedico um dia (sexta-feira) para as crianças levarem brinquedos de casa e brincarem como preferirem: brincadeiras e cantigas de rodas, jogo do boliche, quebra-cabeça, blocos lógicos, dominós, brincadeiras com materiais recicláveis (sapato-maluco, pés de lata, etc), e as famosas brincadeiras de faz-de-conta , [...] é uma prática prazerosa de ensinar e aprender junto com as crianças e [...] desta forma ampliando o seu processo de crescimento. ” (Professora B, 2016).

Contudo, apesar dessa visão renovada em torno dos benefícios das brincadeiras e jogos na escola presente nos relatos dos sujeitos da pesquisa, estes ainda estão muito distantes de ser integrado realmente como recurso e metodologia. Desse modo, podemos dizer que isso é uma difícil tarefa a ser resolvida, porque nem sempre a instituição de ensino atribui o devido valor ao brincar, e nesse caso, é de suma importância que profissional de educação esteja preparado para mudanças e usar isso no seu cotidiano, pois segundo Wajskop (2005), a garantia do espaço do brincar na pré-escola ou creches, é a garantia de uma possibilidade de educação da criança numa perspectiva criadora, voluntária e consciente. Sob esse viés, questionamos se as professoras têm conhecimento teórico sobre o tema lúdico, jogos e brincadeiras, utilizando destes, como instrumento de avaliação da aprendizagem dos seus alunos, obtivemos as seguintes respostas:

Sim, durante a universidade e também em estudos na própria escola. Utilizo constantemente as brincadeiras como forma de avaliação da aprendizagem dos meus alunos. (Professora A, 2016)

Sim, o brincar é um direito garantido por lei, e estudos já mostraram a importância desta prática, vista como fundamental para o processo ensino-aprendizagem. Através das brincadeiras podemos observar e registrar o senso de companheirismo, expressão, confiança, autonomia, envolvimento com os colegas, o raciocínio lógico, e assim, avaliar a aprendizagem dos meus alunos para desta forma fazer uma intervenção. (Professora B, 2016).

Ainda existe uma cobrança dos pais no sentido de obter um trabalho com bastante conteúdo, ou seja, muitas vezes, o ler e escrever são colocados na frente de outros aprendizados, esquecendo que na fase da educação infantil, a criança deve ser menos cobrada, e, portanto, deve haver uma menor pressão dos pais em relação à obtenção de um trabalho com conteúdos mais estruturados. Ao indagarmos as professoras, se pais das crianças reconhecem os jogos e brincadeiras na escola como atividades educativas, tivemos as seguintes respostas:

Nem sempre, recebemos muitas reclamações dos pais por conta das brincadeiras na sala de aula, pois os mesmos não entendem que as crianças aprendem brincando. (Professora A, 2016).

Em alguns casos podem até apresentar uma certa rejeição, mas depende muito da relação famíliaXescola, pois é fundamental essa troca de informações, mantendo os pais atualizados sobre as atividades desenvolvidas na escola que buscam o melhor desenvolvimento de seus filhos.” (Professora B, 2016).

Analisando ambos os relatos, fica evidente a necessidade dos pais de no mínimo conhecer e reconhecer os benefícios que os atos de brincar aos seus filhos, pois só assim, mudariam suas posturas e valorizariam mais o brincar dessas crianças na escola, pois segundo a perspectiva de Friedman (1996), para a criança que brinca o jogo não é apenas uma brincadeira, e sim uma ação

verdadeira, por isso, o jogo é visto como uma forma de desenvolvimento e socialização. Partindo dessa premissa, para finalizar o questionário, perguntamos às professoras, apesar das críticas, se elas acreditam na utilização de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento da criança e da aprendizagem sendo utilizado como recurso pedagógico, existindo assim, um tempo disponível para as crianças brincarem. Em ambas as respostas, percebemos que elas reconhecem o brincar como uma prática necessária na escola. A professora A e B relataram:

“A criança ter a oportunidade de se desenvolver sem pressão do professor, ele entender que naquela brincadeira está ocorrendo aprendizado. Portanto, os recursos pedagógicos devem ser utilizados de modo que favoreçam a aprendizagem da criança, pois já foi mais que provado que as crianças aprendem sim brincando. Sempre antes da atividade escrita, para trabalhar o tema proposto e depois da atividade, brincadeiras livres.” (Professora A, 2016).

“Além de encontrar prazer e satisfação, jogando a criança se socializa e aprende, além de poder reproduzir sua realidade através da imaginação, expressando assim suas angústias, dificuldades, que por meio das palavras seria difícil. Sim, mas é preciso planejamento, para que as crianças se sintam motivadas a participarem ativamente das atividades desenvolvidas, [...]com brincadeiras direcionadas, e deixo um espaço para as brincadeiras livres também.” (Professora B, 2016).

Para Friedman (1996), trazer o jogo para dentro da escola, é uma possibilidade, de pensar na educação numa perspectiva criadora, autônoma, consciente, e portanto, com base nas respostas acima, fica claro que as professoras, buscam propiciar momentos diversificados para que a criança se desenvolva de tal forma que o lúdico/brincar, venha sendo introduzidos na rotina das suas intuições, tanto como forma de expressão livre, quanto no apoio das atividades pedagógicas, pois mesmo, tendo anos de atuação na educação infantil bem diferentes, uma vez que a professora A apresenta mais anos de contato com a sala de aula, ambas reconhecem de forma clara e objetiva a importância destas ferramentas para o desenvolvimento e para o processo de ensino aprendizagem da criança, utilizando-as assim em suas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com fundamentações teóricas estudadas/discutidas e o apanhado de relatos que compõem o *corpus* deste artigo, foi possível concluirmos que os jogos e brincadeiras são instrumentos facilitadores da prática docente e da aprendizagem do aluno, portanto, o brincar é de fundamental importância na vida da criança, já que é um meio dele, que a criança se desenvolve, aprende a se relacionar com as outras crianças e com o mundo em que está inserida. Partindo disso,

o professor precisa priorizar o lúdico em sua prática pedagógica, valorizando a liberdade de aprender pelo mecanismo mais simples e mais eficiente: a brincadeira.

Por fim, percebemos que ainda é necessário promover mais e maior debate e a reflexão acerca da utilização de jogos e brincadeiras, de modo que permita repensar também o processo de ensino aprendizagem no cotidiano escolar, para que esta prática não seja vista apenas como passatempo ou enrolação. Construir, assim, um contexto educativo que seja participativo, dialogado e interativo, que promova a cooperação, interação e principalmente a aprendizagem significativa, por meio de atividades estimulantes tanto para o aluno quanto para o professor. Nessa perspectiva, o docente não deve ver a criança como receptora passiva de estímulos, mas como uma pessoa capaz de ação, que interaja, crie e recrie possibilidades e novas aprendizagens.

O lúdico em si, é uma tarefa difícil, portanto, é de suma importância que o educador tenha uma fundamentação teórica bem estruturada e a consciência de que está trabalhando com uma criança modernizada, e que o repertório de atividades precisa ser adaptado a estas situações.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei n° 8069**, de 13 de julho de 1990

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: conhecimento de mundo**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: Crescer e Aprender: O Resgate do Jogo Infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: O jogo, a Criança e a Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

TOLEDO, Cristina. **O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola**. In: Garcia, Regina Leite (Coord.). Anais. II Congresso Internacional – Cotidiano: diálogos sobre diálogos. GRUPOALFA – Grupo de Pesquisa e Alfabetização das alunas e alunos das classes populares. Rio de Janeiro, Niterói, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 6. ed- São Paulo: Cortez, 2005.